

**Narrativas cinematográficas contra o juvenicídio no Brasil:
experiência e sensibilização diante de estatísticas desumanizadoras¹**

**Cinematic narratives against juvenile in Brazil:
experience and awareness in the face of dehumanizing statistics**

Livia Chede Almendary² (livia@taturanamobi.com.br)

Com colaboração de Fabio Rodrigo³ (fr.apdosantos@gmail.com)

Resumo: Este ensaio é uma sugestão de roteiro – com prelúdio, conflito, clímax e epílogo – para um duplo percurso. Propõe, de um lado, evidenciar a importância de respostas estéticas forjadas por e sobre jovens, em particular no campo do cinema, para denunciar o genocídio da população jovem e negra no Brasil, na perspectiva das Epistemologias do Sul. Para isso, parte do documentário *Entre nós e o mundo* (Brasil, 2019, 17', dir. Fabio Rodrigo) e reflete sobre como números e estatísticas muitas vezes encobrem discursos e processos sociais submersos em relação ao que se vê na ponta do *iceberg*. Propõe, de outro lado, uma reflexão acerca dos limites e possibilidades das Ciências Sociais sobre como enfrentar os desafios da justiça social de modo inovador e responsável, principalmente quando nós pesquisadores nos referimos a outros sujeitos em contextos sensíveis.

Palavras-chaves: documentário; cinema; juvenicídio; Epistemologias do Sul.

Abstract: This essay is a script suggestion – with prelude, conflict, climax and epilogue – for a double journey. It proposes, from the perspective of Epistemologies of the South, to highlight the importance of aesthetic responses forged by and about young people, particularly in the field of cinema, to juvenile – in Brazil, designated by the term genocide of the young and black population. For this, it starts from the documentary *Entre*

¹ O uso e reprodução das imagens neste ensaio estão autorizados e são de responsabilidade exclusiva da autora.

² Doutoranda em Pós-colonialismos e Cidadania Global pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra; pesquisa as intersecções entre juventudes, ativismo e poder político do cinema. É cofundadora e diretora do Instituto Taturana, distribuidora de filmes com impacto social; e integrante do Grupo de Pesquisa “Imagens, Metrôpoles e Culturas Juvenis” da PUC-SP.

³ Diretor, roteirista e criador do projeto IRA NEGRA – Filmes do gueto para o gueto, com o objetivo de produzir cinema na periferia.

Nós e o Mundo [Between us and the world] (Brazil, 2019, 17', dir. Fabio Rodrigo) and reflects on how numbers and statistics often cover up submerged discourses and social processes in relation to what is seen at the tip of the iceberg. It also proposes a reflection on the limits and possibilities of Social Sciences on how to face the challenges of social justice in an innovative and responsible way for research and scientific writing, especially when we researchers refer to other subjects in sensitive contexts.

Keywords: documentary; cinema; juvenicide; Epistemologies of the South.

Prelúdio: teoria e prática, estatísticas e cinema

Este ensaio nasce, inicialmente, como uma ideia de artigo teórico sobre respostas estéticas, no campo do cinema, ao extermínio sistemático de setores juvenis racializados e marginalizados – no Brasil, conhecido como genocídio da população jovem e negra, e no restante da América Latina, abordado pelo conceito de juvenicídio (Valenzuela, 2015, 2019). Forjadas pelos próprios jovens que vivenciam essa tragédia em sua experiência cotidiana, algumas narrativas cinematográficas contemporâneas, em particular na cidade de São Paulo, contribuem para uma reflexão sobre a questão da representação do outro como pilar fundante de processos que se revelam letais para alguns setores juvenis.

Os dados que teceriam o pano de fundo desse suposto artigo são alarmantes. De acordo com o Atlas da Violência 2021 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA),⁴ no ano de 2019, mais da metade da vítima de homicídios no Brasil (51%) eram jovens de até 29 anos, enquanto 77% dos homicídios vitimizaram pessoas negras. Ainda de acordo com o Atlas, a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. A título de baliza dos dados, os negros representam 56% da população do país, e os jovens, 23%, segundo dados do IBGE. Ou seja, as vítimas de mortes violentas, em sua maioria jovens racializados, são muito acima da representatividade desses setores no total da população.

A ideia era partir da análise de um documentário recente chamado *Entre nós e o mundo* (Brasil, 2019, 17', dir. Fabio Rodrigo)⁵ para tecer uma reflexão sobre como

⁴ Atlas da Violência 2021 – IPEA: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>.

⁵ Sinopse oficial de *Entre nós e o mundo*: Um retrato emocional do momento de vida de Erika, moradora da Vila Ede. Um de seus filhos, adolescente, foi recentemente assassinado em uma abordagem policial e está preocupada com o outro, que hoje tem 17 e segue vivendo no mesmo bairro. Erika está grávida. O medo, a dor e a alegria se misturam demais na periferia de São Paulo. Assista ao [trailer](#) e ao [filme completo](#).

números e estatísticas muitas vezes encobrem outros processos sociais profundos, silenciados pelas forças de manutenção do *status quo*. O filme é um retrato de Erika, moradora de um bairro periférico de São Paulo, que teve um dos filhos assassinado pela polícia militar em uma operação em frente a escola onde ele estudava, aos 16 anos. O enredo e as formas de produção e circulação do curta são o modo que o diretor, primo da protagonista, encontrou para denunciar violações de direitos, elaborar lutos, e reivindicar justiça social e reparação.

Esse artigo buscaria compreender, no caso do genocídio da população negra e jovem no Brasil, como o racismo estrutural, a estigmatização e criminalização operam juntos para, em última instância, legitimar o extermínio de setores juvenis racializados e marginalizados (Mbembe, 2018; Valenzuela, 2019). E a importância do papel de linguagens artísticas de representação, como o cinema, em denunciar distorções e construir outras paisagens simbólicas que transcendam a inevitabilidade de um presente e um futuro aparentemente condenados à precarização da vida, à degradação do ser e à morte (Santos, 2020).

A análise seria feita com base nos referenciais teóricos debatidos ao longo do seminário “Globalizações Alternativas e a Reinvenção da Emancipação Social”, do qual participei no primeiro semestre de 2022, no âmbito do programa de doutorado em Pós-Colonialismos e Cidadania Global do Centro de Estudos Sociais (CES). E para cujo professor deveria entregar um trabalho de fim de curso – o suposto artigo que venho descrevendo desde o início deste ensaio.

Ao trazer o cinema como gancho de análise, pretendia exercitar a proposta das Epistemologias do Sul de desmonumentalizar e descolonizar o conhecimento científico (Santos, 2019a; Rivera Cusicanqui, 2010). Isto é, colocar o pensamento científico em diálogo e em crítica com outras formas de produção de conhecimento, outros saberes e outras manifestações que, desde a base, constroem perspectivas de emancipação social muitas vezes deslegitimadas e/ou menosprezadas pelo ambiente acadêmico das Ciências Sociais:

Como é possível produzir saberes aceitáveis e confiáveis por meio dos métodos que pouco têm a ver com aqueles que a ciência moderna privilegia? A natureza colonialista das metodologias desenvolvidas pelas ciências modernas abissais reside no fato de todas elas serem concebidas com base na lógica do extrativismo. Refiro-me à dimensão cognitiva do mesmo extrativismo que caracteriza o capitalismo e o colonialismo, assim como o patriarcado. [...] A descolonização das metodologias consiste em todos os processos capazes de produzir conhecimentos aceitáveis e

confiáveis de modo não-extrativista, ou seja, através da cooperação entre sujeitos de saber e não através de interações cognitivas unilaterais sujeito/objeto. (Santos, 2019a: 193-4)

O cinema em diálogo com a produção de conhecimento científico sobre um tema urgente como o juvenicídio pareceu-me, de início, uma ideia alinhada à reflexão de Santos (2019a). Contudo, outras perguntas surgiram de imediato. Como esse texto poderia ter algum sentido diante de um problema de tamanha urgência e gravidade, sem propor nenhum tipo de interação cognitiva com os sujeitos a quem me refiro? Como desmonumentalizar e descolonizar uma prática acadêmica como a escrita de um artigo, para além de seu conteúdo e bibliografia? Como honrar a relação fundamental da emancipação social, que consiste na não separação entre teoria e prática (Freire, 1987), até mesmo em um exercício como um trabalho de fim de curso, como este?

Assim, a ideia inicial do artigo pareceu-me redundante e contraditória em relação às próprias reflexões do curso que ora sintetizo acima. Partir do cinema e de uma bibliografia progressista para abordar um tema social urgente não resolve as contradições nas Ciências Sociais e isso é óbvio. De modo que retomo a questão que estava no próprio programa do referido curso: como enfrentar, de modo inovador e responsável, dentro da academia e da tradição de pensamento da modernidade onde está inserida, os desafios da justiça social, principalmente quando nos referimos a outros sujeitos em contextos de muita gravidade, como o abordado aqui?

Por ora, assumo a limitação das respostas possíveis diante dessa inquietude cuja solução não é evidente, muito menos simples – uma vez que há várias camadas estruturais, institucionais e simbólicas em jogo, e os poderes constituídos são muito eficazes em dissociar o encontro de ideias e práticas. Rivera Cusicanqui (2010) denuncia essa cisão entre discurso e prática ao enfatizar que em processos coloniais, o "não dito" torna-se um ato brutal de violência simbólica: “é evidente que em uma situação colonial, o ‘não dito’ é o que mais significa; as palavras encobrem mais que revelam e a linguagem simbólica toma a cena” (Rivera Cusicanqui, 2010: 13, tradução nossa). Criar outros processos de teorizar, em diálogo responsável com a sociedade e os sujeitos sobre e com quem pensamos, passa por teorizar sobre nós mesmos, na academia, principalmente desde o lugar da branquitude (Bento, 2022), de onde falo. Passa por criar brechas que questionam essa opacidade de quem, como e por que escreve.

Procuro algum gesto que seja um pequeno passo, um exercício inicial para tentar lidar com as contradições que permeiam a relação entre a emancipação social e minha

prática enquanto pesquisadora. Penso no documentário que inicialmente gostaria de analisar, lembro que se trata de uma narração em primeira pessoa, desde a experiência do próprio diretor. Decido procurá-lo, à contramão dos tempos da produtividade acadêmica e dos prazos de entrega do trabalho, para conversar sobre o filme. Escolho, assim, escrever um texto autorreflexivo, para compartilhar essa inquietação com meus pares do curso e em diálogo com Fabio Rodrigo, o diretor do filme *Entre nós e o mundo*.

Reflico sobre como a abordagem teórico-metodológica é indissociável do conteúdo e do resultado final de um artigo, tese, ensaio, ou qualquer outra produção acadêmica: é ela que poderá revelar a profundidade do diálogo entre investigador e sujeitos da pesquisa, a responsabilidade das relações construídas ao longo de uma investigação, a qualidade dos compromissos estabelecidos na circulação de seus resultados. É assim que a ideia inicial de artigo se transformou, finalmente, em um ensaio que mistura reflexão teórica, análise fílmica e entrevista. Esta última foi usada como um recurso metodológico para tentar preservar – na voz direta do próprio Fabio Rodrigo – a densidade da experiência narrada por ele, tanto por meio do filme, quanto pela própria entrevista que me concedeu (em parte aqui reproduzida, e cujo roteiro foi construído com base nas inquietações expostas).

As reflexões de Fabio Rodrigo são muito potentes, tanto em relação ao tema em questão (o genocídio da população jovem e negra no Brasil), quanto ao desconforto que geram, por suas provocações. Embora as contradições persistam nessas páginas, que elas sejam ao menos um estímulo à autorreflexão contínua sobre teoria e prática, ideias e ações, em espaços acadêmicos.

Conflito: juvenicídio, necropolítica e precarização da vida

Entre nós e o mundo (Brasil, 2019, documentário, 17', dir. Fabio Rodrigo) faz parte de um cenário, na cidade de São Paulo, em que há uma intensificação de experiências juvenis de participação e mobilização pela via da cultura, em particular o audiovisual e o cinema documental, nos últimos 10 anos.

Essa tendência sugere que a expressão cultural e o fazer artístico, em contextos de desigualdades, racismo e segregação, podem configurar-se como resistência, protesto e outras possibilidades de existência para além dos estigmas e opressões que recaem sobre alguns setores juvenis. Em particular, a crescente produção de documentários, feitos e/ou protagonizados por grupos e coletivos de jovens e intergeracionais, principalmente de setores historicamente criminalizados e excluídos (negros, LGBTQIA+, periféricos,

mulheres, integrantes de movimentos sociais), contribui para criar uma paisagem urbana de intersecção entre juventudes, comunicação, imagens, audiovisual, culturas digitais, ativismos e artes. Esses grupos se apropriam de ferramentas de produção e difusão de imagens audiovisuais e constroem, por meio do cinema, ordens de visibilidade, expõem e combatem opressões, processos de invisibilidade e estereótipos que recaem sobre eles (Almendary; Borelli, 2021).

Assume-se ainda, neste trabalho, que o cinema, do ponto de vista da emancipação, é uma linguagem com forte poder de criar narrativas contra-hegemônicas; uma ferramenta privilegiada para quebrar silêncios, fazer denúncias e provocar engajamento; é detentor de um papel primordial, na contemporaneidade, de construção de imaginários e simbolização de mundos possíveis, e ainda de construção de olhares críticos às formas de representação de si e do outro (Hall, 1989; hooks, 2019; Morin, 1995; Rancière, 2005, 2009; Borges, 2017, 2019).

No caso do filme ora mencionado, o diretor e narrador do curta, Fabio Rodrigo, é primo da protagonista do filme, Erika, moradora de um bairro periférico de São Paulo cujo cotidiano é atravessado pela preocupação constante com seu filho, Nicolas, que está com 17 anos. A preocupação se dá porque Erika conhece as estatísticas não por números, mas por sua própria experiência com o outro filho, Theylor, assassinado durante uma abordagem policial aos 16 anos. Além disso, Erika está grávida novamente.



Figura 1: Fotogramas de *Entre nós e o mundo* (liberados pelo realizador, uso permitido para divulgação). O temor de que algo aconteça com seu filho faz com que Erika lhe pergunte o tempo todo onde e com quem esteve, supervisiona a tarefa da escola, conversa com a avó do menino que mora no mesmo bairro, para que ela olhe o garoto também. Esse sentimento de medo é entremeado pela alegria da chegada da menina Alícia à família (fotograma abaixo à direita, durante o chá de bebê de Alícia). O retrato cinematográfico de Fabio Rodrigo chama a atenção, de forma poética, para esse cotidiano no limiar entre a certeza da vida e a possibilidade da morte (ou vice-versa?).

A morte violenta de Theylor por policiais não é um fato isolado. Segundo o 16º Anuário Brasileiro do Fórum de Segurança Pública⁶, o perfil das vítimas de intervenções policiais no país não tem demonstrado mudanças significativas ao longo dos anos, com prevalência de homens, adolescentes e jovens, pretos e pardos entre as vítimas. No último ano, 2021, 99,2% das vítimas eram do sexo masculino. Em relação a faixa etária, 52,4% das vítimas tinham no máximo 24 anos quando foram mortas, percentual que sobe para 74% se considerarmos as vítimas de até 29 anos.

O conceito de juvenicídio, cunhado por José Manuel Valenzuela (2015, 2019) e desenvolvido por outros pesquisadores em contextos latino-americanos, remete a esse processo social que culmina na morte em grande escala de jovens, especialmente do sexo masculino, racializados, principalmente moradores de periferias das grandes cidades. Não se explica por meio de uma única causa ou de um raciocínio linear. Trata-se de um processo complexo, que pode ser compreendido em camadas de fatores geradores que se entrelaçam:

O juvenicídio alude a algo mais significativo pois refere-se a processos de precarização, vulnerabilidade, estigmatização, criminalização e morte. Refere-se à presença de processos de estigmatização dos e das jovens construída por aqueles que detêm o poder, com a ativa participação das indústrias culturais que estereotipam e estigmatizam condutas e estilos juvenis criando predisposições que desqualificam esses sujeitos ao apresentá-los como revoltados, vagabundos, violentos, gângsters, perigosos, anarquistas, criminosos (Valenzuela, 2015: 21, tradução nossa).

⁶ 16º Anuário Brasileiro do Fórum de Segurança Pública, disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=4>. Acesso: 2 jul. 2022.

O conceito de juvenicídio, em sua raiz, tem como casos emblemáticos os falsos positivos na Colômbia⁷ e o desaparecimento forçado de 43 estudantes em Ayotzinapa⁸, no México, em 2014. E no Brasil, expressa-se no genocídio da população jovem e negra, cujos números são alarmantes e por si só caracterizam uma tragédia social contínua. O anuário do Fórum é publicado há 16 anos, e mostra como a violência diminui para alguns setores sociais e aumenta para outros. Se os números são conhecidos, porque não há ações efetivas? O que isso quer dizer?

Caminhar para uma resposta a essas questões passa, em primeiro lugar, por não reduzir esse cenário a apenas números e estatísticas, pois nas perspectivas do juvenicídio (Valenzuela, 2015, 2019) e da necropolítica (Mbembe, 2018), o pano de fundo é a desumanização do outro, a forma como a relação entre culturas e entre grupos diferentes se dá. E as estatísticas não mostram os bastidores dessa desumanização e das formas de representação que constroem discursos e narrativas de legitimação da violência.

Sobre setores racializados das juventudes, recaem formas de opressão coloniais e interseccionais como a discriminação, estigmatização, precarização da vida, desemprego, violência racial e de gênero. Os conceitos de “juvenicídio” e “necropolítica” (Valenzuela, 2019; Mbembe, 2018) ajudam a compreender como algumas estruturas sociais contemporâneas promovem extermínios sistemáticos e seletivos de alguns grupos sociais, de forma explícita, porém com significados velados, como o racismo e estigmas atribuídos a setores juvenis, construídos principalmente por representações em indústrias culturais e meios de comunicação.

⁷ “[...] na Colômbia durante os anos do governo Uribe, em particular de 2002 a 2010, [houve] cerca de 5.700 assassinatos sistemáticos cometidos pelo Exército Nacional, chamados de “falsos positivos”. Recrutavam jovens, lhes prometiam trabalho, ou capturavam jovens agricultores de diferentes regiões do país. Em seguida, eram assassinados, vestidos como guerrilheiros e apresentados aos meios de comunicação como guerrilheiros mortos em combate, para receber recompensas por seus corpos”. Germán Muñoz González, professor e pesquisador da Universidade de Manizales, Colômbia, em entrevista publicada pela revista *Desidades*, n.8, set. 2015. Disponível em: http://desidades.ufrj.br/es/open_space/662/2/. Acesso em 11 jul. 2022, tradução nossa.

⁸ “Da suposta guerra às drogas promovida por Felipe Calderón no México em dezembro de 2006, intensificou-se a morte astuta e impune de dezenas de milhares de jovens, situação que evidencia a presença de juvenicídios [...] que envolvem múltiplos setores sociais e emolduram os eventos sangrentos em Iguala [México, 2014], onde 6 pessoas morreram e 43 desapareceram por ações policiais realizadas com a cumplicidade de militares e funcionários. Depois de serem vítimas de desaparecimento forçado, os jovens [estudantes da escola normal de Ayotzinapa] foram entregues ao grupo de narcotraficantes Guerreros Unidos, formação do crime organizado ligado ao prefeito de Iguala. Pensar nos acontecimentos em Iguala nos obriga a construir uma reflexão ampla que nos permite compreender a decomposição do Estado e como o chamado crime organizado tem permeado uma parte importante das instituições e vida social e que possui, no juvenicídio, uma de suas consequências mais dolorosas” (Valenzuela, 2015: 11).

Como nos lembra Abdias Nascimento (1978), recorrendo a Florestan Fernandes, para além da desigualdade e da pobreza, pressupõe-se que os indivíduos afetados por essas realidades não fazem parte da ordem social, “como se não fossem seres humanos, nem cidadãos normais” (Fernandes como citado em Nascimento, 1978: 136).

Essa divisão entre humanos e sub-humanos, entre “cidadãos normais” e “não normais” é uma construção que remete ao período colonial, quando construiu-se uma divisão – física e imaginária – correspondente aos territórios das metrópoles e das colônias. Nestas últimas, os habitantes foram estigmatizados como selvagens, atrasados, sem religião, portanto sem alma, enquanto o estatuto de humano era reservado aos povos das metrópoles (Mbembe, 2018). Esse imaginário social, ancorado no racismo, persiste na contemporaneidade sob várias formas de degradação ontológica do outro. Essas “linhas abissais”, na definição de Boaventura de Sousa Santos (2019b), são divisões radicais que marcam as formas metropolitanas e as formas coloniais de sociabilidade, característica do mundo ocidental moderno desde o século XV que persiste ainda hoje, pela qual sujeitos limiares têm suas existências distorcidas até a desumanização.

O próprio Estado moderno passou a incorporar estruturas de funcionamento que provocam a destruição de alguns grupos (Mbembe, 2018). O uso da força (estado de exceção permanente), associado a políticas de segurança (construção dos inimigos a serem combatidos) e ao racismo (a divisão da humanidade em grupos) combinam-se de tal forma que muitas vezes reforçam estereótipos, segregações, inimizades, até o extermínio de determinados grupos. Essa associação, em nome da “manutenção da ordem”, termina por constituir um poder (necropoder) que define quem pode viver e quem pode morrer (Mbembe, 2018).

O cenário desvelado em *Entre nós e o mundo* repete-se fora das telas, na vida cotidiana, como uma tragédia anunciada e recorrente. Dois episódios recentes, entre tantos outros, condensam os elementos ora descritos. Em maio de 2021, em plena pandemia, a operação policial mais letal da história do Rio de Janeiro – episódio que ficou conhecido como Massacre do Jacarezinho – terminou com 28 executados pela polícia. Eram todos homens, a maioria negros e em grande parte, jovens: mais da metade deles não tinha 30 anos. Na ocasião, o governador desse estado referiu-se às vítimas do episódio como “vagabundos”, em meio a uma fala sobre um policial que também morreu durante a operação: “Cada policial que eu perco, eu perco duas vezes. Por isso que aquele memorial lá, nós tombamos ele. O nome do André [o policial] não merece estar no meio

de 27 vagabundos. O único herói que merecia um memorial é o André com seu filho, da idade do meu, que chora até hoje”⁹.

Dezembro de 2019, São Paulo, favela de Paraisópolis. Uma operação da polícia militar no “Baile da 17” terminou com a morte de nove jovens entre 14 e 23 anos¹⁰. No dia seguinte, o governador desse estado declarou que a “Operação Pancadão”, que acontece periodicamente para reprimir bailes funk como o Baile da 17, não pararia: “A existência de um fato não inibirá as ações de segurança”¹¹. Essas ações apoiam-se na criminalização desses espaços, associando-os, por exemplo, ao tráfico de drogas, à “vagabundagem” e outros estigmas. Assim, construídos como “inimigos”, “descartáveis”, “vagabundos”, “perigosos”, “identidades desacreditadas” – para usar termos e palavras de Mbembe (2018) e Valenzuela (2019), além das citadas acima –, alguns setores juvenis são submetidos à violência policial arbitrária e sistemática, ao encarceramento e, no limite, à morte.

Esse processo de “legitimação do extermínio” soma-se, ainda, à precarização da vida no neoliberalismo (ausência de trabalho digno, acessos desiguais a oportunidades e à educação formal, pobreza etc.). O juvenicídio, no caso do Brasil expresso pelo genocídio da população jovem e negra, sugere que a morte sistemática de jovens racializados se deve ao valor, ou à falta de valor, desses corpos inseridos na engrenagem do discurso de necropoder que define quem deve morrer e quem pode viver (Costa, 2021).

Diante da necessidade de reconstruir simbolicamente o valor da vida onde parece que ele já não existe, a comunicação, a cultura e as artes, de forma integrada, tornam-se campos de batalha imprescindíveis para os sujeitos e contextos aqui abordados, pois incidem na dimensão simbólica do político (Martín-Barbero, 2001). Isto é, na sua capacidade de representar existências e mundos possíveis, vínculos e pertencimento em contextos em que não apenas os tecidos sociais estão esgarçados, mas onde a própria vida está em risco permanente e as instituições tradicionais parecem não responder a isso.

O curta *Entre Nós e o Mundo*, documental e ensaístico, aborda esse aspecto desde

⁹ Fala publicada no portal de notícias Uol, de grande circulação:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/30/jacarezinho-claudio-castro-vitimas-vagabundos-rio-de-janeiro.htm>. Acesso: 7 jul. 2022.

¹⁰ Reportagem publicada no portal R7, sobre quem eram os jovens da Paraisópolis:

<https://noticias.r7.com/sao-paulo/quem-sao-os-9-jovens-que-morreram-no-baile-funk-em-paraisopolis-29062022>. Acesso: 7 jul. 2022.

¹¹ Frase publicada no Jornal Valor, do grupo Globo:

<https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/12/02/doria-lamenta-mortes-em-paraisopolis-mas-diz-que-programa-de-seguranca-nao-vai-mudar.ghtml>. Acesso: 7 jul. 2022.

uma linguagem poética de afirmação para a vida, ao retratar os jovens e seus sonhos no cotidiano, como no início do filme, em que amigos se juntam em uma noite para cantar e improvisar juntos algumas músicas cujas letras expressam os desejos, sonhos, frustrações e lutas que levam no dia a dia.

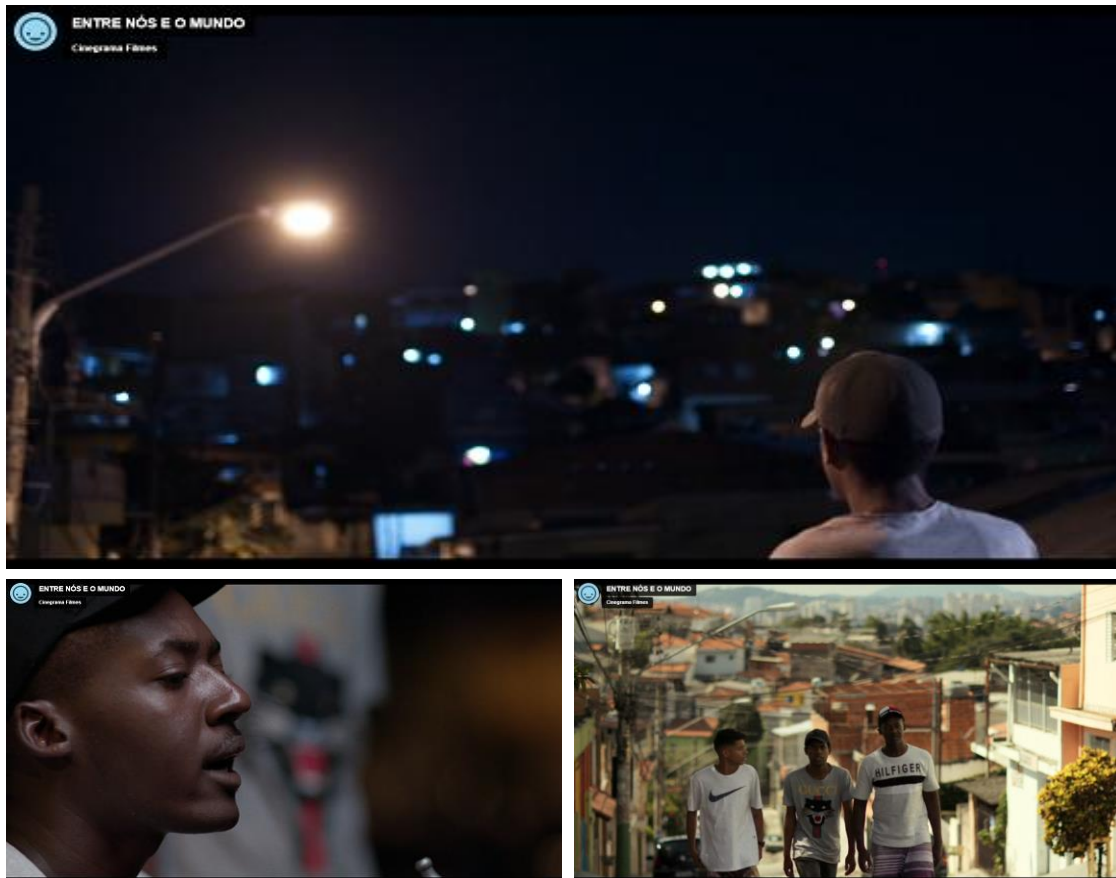


Figura 2: Fotogramas de *Entre nós e o mundo* (liberados pelo realizador, uso permitido para divulgação). Algumas das letras das músicas que cantarolam em forma de improviso e repente: “Hoje eu acordei e vi em uma margem tão distante a vida longa, vida bela, chiquérrima e elegante. Na margem de uma estrada eu vi a minha felicidade; vários tentam me atrasar, mas eu sempre vou além. Se no bolso esquerdo nota de galo, no direito nota de cem”. “Te faço uma pergunta: que man falavelado nunca sonhou em mudar sua vida e ser reconhecido como jogador? Sei que é o sonho de muitos. Só te dou um conselho para não desistir, como foi comigo: muitos vão te dizer que não vai conseguir”.

Clímax: “Falar de genocídio da população preta e indígena é chover no molhado”

O primeiro curta dirigido por Fabio Rodrigo, em codireção com Caroline Neves, também tinha como protagonista uma mulher. *Lúcida* (Brasil, 2015, documentário, 16’) retrata de forma documental e poética – uma marca também de *Entre nós e o mundo* – uma mãe solteira da periferia de São Paulo e sua jornada para criar o bebê. O filme circulou por mais de 20 festivais e conquistou 8 prêmios, entre os quais o de Melhor Curta

pelo Júri da Crítica no Festival de Cinema de Gramado, um dos mais importantes do Brasil. Em 2018, dirigiu seu segundo curta, *Kairo*, também premiado em Gramado e exibido em diversos festivais.

Nascido e criado na Vila Ede, periferia da Zona Norte de São Paulo, Fabio Rodrigo constrói narrativas que partem de sua experiência e vivência na periferia, com o olhar de quem faz parte desse cotidiano. É fundador do projeto IRA NEGRA – Filmes do gueto para o gueto.

Entre nós e o mundo foi lançado em 2019, três anos após o assassinato de seu primo pela polícia, e nasce da vontade de Fabio Rodrigo de, com base nesse episódio trágico, “mostrar a quebrada, as pessoas simples dali, a nossa forma de falar, de andar, as marcas que a gente deixou nela, e a marca que ela deixou em nós”, como conta em um vídeo de apresentação do curta, em seu canal no Vimeo.¹²

A seguir, alguns trechos da entrevista que realizei com Fabio Rodrigo aprofundam um pouco essa jornada.

Livia Almendary – Como foi a produção do *Entre nós e o mundo*, em termos de viabilidade, financiamento, tempo de produção? E quanto à circulação, como tem sido?

Fabio Rodrigo – A ideia para o documentário surgiu lá em 2016, assim que o Theylor foi assassinado, mas só conseguimos financiamento para a produção dois anos depois. Isso modificou o roteiro radicalmente, pois houve mudanças significativas na vida das pessoas que seriam retratadas e eu precisei assimilar. O dinheiro veio de um edital da Spcine¹³ que selecionava ideias de curtas-metragens que contassem histórias e curiosidades dos bairros da capital paulista e eu propus contar a história de uma pessoa comum, um familiar e foi assim que deu certo. O filme teve uma boa trajetória em festivais de cinema, foi premiado no Festival de cinema de Gramado, no Festival Internacional de Curtas de São Paulo, Festcurtas BH (Belo Horizonte, Minas Gerais), Cine Esquema Novo, no Festival de Campos do Jordão. Isso ajudou na circulação e a distribuição foi toda feita pela produtora Cinegrama Filmes com a minha ajuda, da minha esposa e da montadora do filme, Caroline Neves. Exibimos em mais de 20 estados do Brasil e no exterior e

¹² Vídeo de apresentação do curta *Entre nós e o mundo*, disponível no canal do Vimeo de Fabio Rodrigo: <https://vimeo.com/272272921>.

¹³ Spcine é a empresa de cinema e audiovisual de São Paulo, iniciativa da Prefeitura de São Paulo com foco no desenvolvimento dos setores de cinema, TV, games e novas mídias: <http://spcine.com.br/>.

recebemos muitos convites bacanas, como o da própria Taturana,¹⁴ que expandiu esse caminho com a gente.

LA – *Entre nós e o mundo* é um filme de alguma forma autobiográfico, aborda uma tragédia que é estrutural desde um ponto de vista pessoal. O que te levou a fazer esse filme?

FR – A princípio, foi a revolta com a morte do meu primo Theylor, um rapaz de 16 anos que foi assassinado em frente a uma escola durante uma abordagem “de rotina” da PM. O tempo que levou para que o filme fosse produzido me deu uma nova visão daquela realidade e da mensagem que seria possível passar.

LA – E o que você esperava com ele?

FR – Minha prima Erika, a mãe do Theylor, queria de alguma forma conversar com jovens como ele e tentar fazê-los entender a importância de escutar os conselhos das pessoas que os amam. A adolescência é um momento confuso para todo mundo, normalmente a opinião dos amigos começa a se tornar mais importante que a dos familiares. Ela estava de luto e tinha esse desejo, então eu abracei e encaramos o filme como uma tentativa.

LA – A história que você conta é, ao mesmo tempo, uma história sobre luto, mas também de reafirmação da vida, e isso é muito forte e muito bonito no filme. Como você enxerga o potencial do cinema e do audiovisual na construção de um mundo diferente?

FR – Sentir a morte e filmar a vida na quebrada tem mil motivos. O poder de escolher o que mostrar e de onde mostrar foi algo sempre negado a nós, e esse é um jeito de dizer: Aê mundão, há algo mais sobre nós! O cinema e o audiovisual são ferramentas, a sensibilidade para a construção de um mundo diferente precisa estar nas pessoas. Através de uma abordagem singela e cuidadosa de uma história, eu almejo tocar o coração de alguém e despertar o desejo nela de repetir o gesto. A crueza e a violência dos nossos tempos blindaram os sentimentos e eu encaro isso como um desafio para cada criador e artista.

¹⁴ Refere-se à parceria realizada com a Taturana para exibição do filme na Mostra realizada pelo instituto em 2021: <https://www.mostra.taturanamobi.com.br/>



Figura 3: Fotograma de *Entre nós e o mundo*. Erika e Fabio Rodrigo conversam sobre Nicolas e Alícia.

LA – Em particular em relação ao genocídio da população negra no Brasil, como você enxerga as causas disso, e suas consequências, na vida das juventudes que estão ao seu redor? O que você espera da universidade e da academia, em particular das pesquisas em Ciências Humanas e Cinema, ou como você acha que esse setor social poderia contribuir para o fim da violência e extermínio raciais no país?

FR – Nós somos resultado de um lastro histórico de colonização de extração, regimes escravocratas e dissidências dessa política assassina. Falar de genocídio da população preta e indígena é chover no molhado e, para mim, a solução não está no macro e sim no micro, em aprender a trocar conhecimento com quem passa pela situação. É óbvio que reconhecer o fenômeno do genocídio como um problema de Estado e colocar seu enfrentamento como uma das prioridades da gestão pública é necessário. Mas, gráficos e números devem ser instrumentos para a criação e implementação de ações práticas e cotidianas. A sociedade, no geral, me parece longe de entender a importância real de um abraço apertado numa mãe, um papo sobre sonhos com um adolescente, um tênis em condições para uma menina ir à escola. A maioria fala de fome sem entender o que é sentir fome e acha que tem a solução para tudo em uma prancheta. É o famoso “Vim te ajudar e vou te explicar como”. Isso é venda, não é troca.

Epílogo: considerações inconclusas

Trocar conhecimento com quem tem experiência, sensibilizar-se como uma forma de responsabilidade social, construir um mundo diferente por uma abordagem poética e cuidadosa da vida, agir em forma de gestos: Fabio Rodrigo sugere alguns caminhos sobre como lidar com um tema que muitas vezes, em suas palavras, “transforma o choro de uma mãe em estatística”.¹⁵

A experiência de narrar pelo cinema, tal como reivindicada por Fabio Rodrigo, pode ser concebida como uma atualização contemporânea da noção benjaminiana do ato de narrar: por meio do filme, promove o intercâmbio de experiências e a valoriza, com uma força que persiste no tempo – diferente da informação –, e deixa suas marcas pessoais enquanto narrador. Essas marcas proporcionam, pela sabedoria constituída na “substância viva da existência” (Benjamin, 1994: 200), a continuidade da história e da própria vida, em representações não dissociadas de experiências ancoradas na vida cotidiana e que constroem territorialidades e espaços-tempos contra-hegemônicos.

A proposta de trazer uma entrevista com o diretor para o texto analítico como metodologia, nesse sentido, é também uma tentativa de preservar a densidade da experiência narrada¹⁶. Da mesma forma, trazer o cinema para a análise nas Ciências Sociais, em diálogo com realizadores que constroem um olhar crítico e poético, é apostar no poder da imagem de desvelar narrativas muitas vezes ocultadas pela opacidade da linguagem textual, dos números, das representações estereotipadas da mídia, para as quais corroboram também integrantes do Estado (a polícia e as autoridades que se pronunciaram nas chacinas ora citadas). A imagem permite captar outros sentidos por meio do que Rivera Cusicanqui (2010) designa como “sociologia da imagem”, ou seja, “a forma como as culturas visuais, na medida em que podem contribuir para a compreensão do social, desenvolveram-se com uma trajetória própria, que ao mesmo tempo revela e atualiza muitos aspectos não conscientes do mundo social” (Rivera Cusicanqui, 2010: 19).

As estatísticas e números do juvenicídio, como no caso do Brasil, são explícitos e revelam um cenário de desastre sistemático. Contudo, se os dados revelam a ponta do iceberg do problema, é necessário olhar mais profundamente para suas causas, que tem

¹⁵ Vídeo de apresentação do curta *Entre nós e o mundo*, disponível no canal do Vimeo de Fabio Rodrigo: <https://vimeo.com/272272921>.

¹⁶ Neste trabalho, a entrevista extrapola seu sentido jornalístico, com objetivos relacionados ao exercício crítico do pensamento nas Ciências Sociais; seu roteiro foi construído em função das reflexões propostas, está situada e tem sua forma de uso consentida.

em uma de suas estruturas fundamentais o problema da representação do outro. É preciso compreender como construções sociais e culturais legitimam esse extermínio seletivo e sistemático.

Respostas estéticas como *Entre Nós e o Mundo* constituem um campo de batalha imprescindível para a sensibilização e desvelamento das estruturas que, para além da violência física, destroem possibilidades simbólicas de existência. Denunciam a desumanização e reafirmam a vida por meio de narrativas que complexificam e aprofundam problemas sociais desde a densidade da experiência de ser jovem.

Enquanto a precarização da vida no neoliberalismo associada à racialização, criminalização e estigmatização dos corpos – não só de pessoas negras, mas também periféricas, migrantes, mulheres, LBGTQIA+ – não estiver em pauta de forma profunda em instâncias decisórias, os números, por mais conhecidos e contundentes, tendem a permanecer, pois permanecem os discursos que os sustentam.

É onde reside o poder de *Entre nós e o mundo*. Trata-se de uma resposta à indignidade mais profunda diante de processos que submetem seres humanos à condição de sub-humanidade. Ao mesmo tempo, forja ideias e paisagens simbólicas que transcendem a inevitabilidade de um presente e um futuro aparentemente condenados à precarização da vida, à degradação do ser e à morte.

Analogamente, podemos pensar na responsabilidade das Ciências Sociais, quando a serviço da emancipação social, de não reduzir experiências de vida a apenas números ou teorias, de caminhar para desmonumentalizar o conhecimento, multiplicar vozes e saberes no espaço acadêmico (na teoria e na prática), denunciar a desumanização e reafirmar a vida por meio de conhecimento crítico. Em suma, problematizar, complexificar e aprofundar os discursos sobre as injustiças do mundo de uma forma não extrativista ou mercantilista. Não é um caminho sem contradições, mas nem por isso deixa de ser um horizonte de atuação em disputa.

Referências bibliográficas

Almendary, Livia; Borelli, Silvia Helena Simões (2021), “Juventudes e práticas do documentário em São Paulo: ativismos culturais e políticas de visibilidade”, *Revista Ciências Sociais Unisinos*, 57(2), 214-225, maio/agosto, consultado a 01.02.2022, em <https://doi.org/10.4013/csu.2021.57.2.06>

Benjamin, Walter (1994), “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, In Benjamin, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e*

história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense.

Bento, Cida (2022), *O pacto da branquitude*, São Paulo: Companhia das Letras (edição Kindle).

Borges, Rosane (2019), “Das perspectivas que inauguram novas visadas”, in hooks, bell. *Olhares Negros: raça e representação*, São Paulo: Editora Elefante (edição Kindle, prefácio à edição brasileira).

Borges, Rosane (2017), “Imaginário e política: a constituição material da subjetividade”, *Revista Observatório Itaú Cultural*, 21, nov. 2016/maio, consultado a 30.06.22, em: https://issuu.com/itaucultural/docs/obs21_book_issuu.

Costa, Ana Paula Motta (2021), “Juvenicídio: a expressão da Necropolítica na morte de jovens no Brasil”, *Revista Direito e Práxis* [online], 12(4), 2359-2392, consultado a 04.07.22, em <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2021/54377>.

Freire, Paulo (1987), *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Hall, Stuart (1989), "Cultural identity and cinematic representation", *The Journal of Cinema and Media*, 36, 68–81, consultado a 30.06.22, em: www.jstor.org/stable/44111666.

hooks, bell (2019), *Olhares Negros: raça e representação*, São Paulo: Editora Elefante (edição Kindle), tradução: Stephanie Borges.

Martín-Barbero, Jesús (2001), “De las políticas de comunicación a la reimaginación de la política”, *Nueva Sociedad*, 175, 70-84. Acesso a 10.07.22 em https://static.nuso.org/media/articulos/downloads/2992_1.pdf.

Mbembe, Achille (2018), *Necropolítica*, São Paulo: N-1, tradução: Renata Santini.

Morin, Edgar (1995), “O encanto da imagem”, in Morin, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*, Lisboa: Relógio D’Água, tradução: António-Pedro Vasconcelos.

Nascimento, Abdias (1978), *O genocídio do negro brasileiro. Processo de um racismo mascarado*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Rancière, Jacques (2009), *A partilha do sensível*, São Paulo: Editora 34, tradução: Mônica Costa Neto.

Rancière, Jacques (2005), *La fábula cinematográfica: reflexiones sobre la ficción en el cine*, Barcelona: Paidós, tradução: Carles Roche Suárez.

Rivera Cusicanqui, Silvia (2010), *Ch’ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*, Buenos Aires: Tinta Limón.

Santos, Boaventura de Sousa (2019a), "Descolonização cognitiva: uma introdução", *O fim do império cognitivo. A afirmação das Epistemologias do Sul*, Belo Horizonte: Editora Autêntica.

Santos, Boaventura de Sousa (2019b). “Introdução às Epistemologias do Sul”, in *Construindo as Epistemologias do Sul: antologia essencial, vol. 1*, 297-335 Buenos Aires: CLACSO, disponível em

https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/81474/1/Construindo%20as%20Epistemologias%20do%20Sul_Vol%201.pdf.

Santos, Boaventura de Sousa (2020), “Hacia una estética de las Epistemologías del Sur: manifiesto en ventidós tesis”, in Meneses, Maria Paula; Santos, Boaventura de Sousa (orgs.), *Conocimientos nacidos en las luchas. Construyendo las Epistemologías del Sur*. Argetnina, Espanha, México: Akal.

Valenzuela, José Manuel (org.) (2015), *Juvenicidio. Ayotzinapa y las vidas precarias en América Latina y España*, Barcelona: Ned Ediciones (edição kindle).

Valenzuela, José Manuel (2019), *Trazos de sangre y fuego. Bionecropolítica y juvenicidio en América Latina*, Guadalajara: Centro Maria Sibylla Merian de Estudios Latinoamericanos Avanzados en Humanidades y Ciencias Sociales (Calas).